

Balada quase um cantar desesperado

Anamaria Barbosa Rodrigues *

Sobre teus lábios repousam
os dias do nunca mais
ficou somente a paisagem
dos teus olhos renascendo
nas quilhas da madrugada
- ENEIDA, cravada em verdes
fecundos na solidão
do bloco da despedida
além do muro e da estrela

senhores por quem cantais
nessas vozes suplicantes
tantas canções de agonia?
é por ela, por aquela
a que amou além da vida
- ENEIDA cravada em verdes
fecundos na solidão
do bloco da despedida
além do muro e da estrela
ai, pierrots de cetim
de face branca e pungente
ai damas de carmenzin
lantejoulas de lua
emudecei bandolins
nos vossos dedos de seda
que a morte passou ganindo
vestida de medo e cisma
que a morte chegou uivando
de medo e cisma vestida
na minha rua de lágrimas.

ai dores da minha alma
ai cantar desesperado
ai punhais que me devoram,
lâminas curvas de angústia
sulcando na minha carne
fronteiras do desconsolo,
entre o que sou e o que fui

neste tempo de tragédia;
e tu, arlequim, e tu
sobe de ti porque foste
o enlouquecido da aurora,
o menestrel do silêncio
entre meus braços exaustos;
tu, cavalheiro dos guizos,
tu, cantador de segredos
de alvos seios que viste
entre suspiros de amor
no ventre da noite febril,
hoje choraste por ela,
por aquela enlouqueceste,
a que amaste além da vida,
ENEIDA cravada em verdes
fecundos na solidão
do bloco da despedida
além do muro e da estrela.

e quando a noite se for
e a alvorada nascer
em quarta-feira de cinzas
traçai os ramos, mangueiras
que ela tanto vos amou;
traçai os ramos num túnel
de sombras enternecidas,
traçai os ramos, mangueiras
nos soluços do arlequim,
deitai os ramos, mangueiras
em finas tranças de orvalho
nos lábios da colombina
que foi também pierrot
- ENEIDA cravada em verdes
fecundos na solidão
do bloco da despedida
além do muro e da estrela.

*. Anamaria Barbosa Rodrigues - poeta paraense